

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



A MÍSTICA MARIAL NA CONGADA: MANIFESTAÇÃO DE UM POVO

THE MARIAL MYSTIQUE IN CONGADA: A PEOPLE'S MANIFESTATION

Natan Augusto Pimentel Santos ^[a] 

Campinas, São Paulo, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Ceci Maria Costa Baptista Mariani ^[b] 

Campinas, São Paulo - Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Como citar: SANTOS, Natan Augusto Pimentel; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. A Mística Marial na Congada: Manifestação de um povo. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 07, n. 02, p. 114-113, jul./dez, 2024.

Resumo

A Congada, fenômeno artístico, religioso e cultural, remonta os tempos do Brasil colônia, e é uma das expressões da religiosidade sincrética dos negros advindos da África no período escravocrata. Desde as terras além-mar e mais intensamente na Terra de Santa Cruz, a figura de Maria passou a ter singular importância para os que compõem este movimento, ditando seus exercícios de piedade, ressignificando seus objetos sagrados, repaginando seu culto e se tornando um referencial para as lutas em prol de igualdade e da autoafirmação de sua identidade, por meio de uma experiência Mística muito particular. O presente trabalho pretende apresentar a manifestação artística e cultural e a Mística Marial, como experiência espiritual e relação profunda com Maria, que desborda o fenômeno e se traduz na vivência do grupo e

^[a] ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5923-4694> E-mail: luisffilo@hotmail.com

^[b] ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2948-5705> E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br

da comunidade. Com base em uma pesquisa bibliográfica exploratória previa, quer analisar a Congada, buscando identificar as características peculiares desta manifestação, sistematizando e evidenciando a relação da manifestação cultural e a figura de Maria..

Palavras-chave: Mística. Maria. Congada. Rosário. Afrodescendente.

Abstract

Congada, an artistic, religious and cultural phenomenon, dates back to colonial Brazil and it is one of the expressions of the syncretic religiosity of black people that came from Africa in the period of slavery. From overseas lands and more intensely in the Terra of Santa Cruz, the figure of Maria started to become a singular importance for those who take part in this movement, dictating their exercises of piety, resignifying their sacred objects, reconstituting its cult and becoming a reference for the fight for equality and self-affirmation of their identity, through a very particular Mystical experience. The present work intends to introduce the artistic and cultural manifestation, and the Marial Mystique, as a spiritual experience and a deep relationship with Maria, that overflows the phenomenon and it is translated into the experience of the group and the community. Based on a previous exploratory and bibliographic research, it aims to analyze the Congada, seeking to identify the peculiar characteristics of this manifestation, systematizing and highlighting the relationship between the cultural manifestation and the figure of Maria.

Keywords: Mystical. Maria. Congada. Rosary. Afro-descendant..

Introdução

Quando nos deparamos com a realidade dos fenômenos e das manifestações religiosas, descortina-se diante de nós uma infinidade de possibilidades de estudo e análise. Mas, sem dúvida, todas elas de alguma forma passam pelo viés antropológico. A religiosidade, e especialmente no caso deste estudo, não pode ser desassociada da vivência histórica das pessoas, pois é a partir dela que se desenvolve toda esta experiência.

De fato, a investigação sobre a interioridade, indispensável para compreender o sentido da experiência religiosa, é necessária, em primeiro lugar, para tratar da questão que se refere ao sentido do humano. Este último não pode ser apreendido "de fora", mas é compreendido a partir de dentro, por meio da análise das nossas vivências. É somente através da análise do humano que se pode chegar a aclarar o sentido do religioso. (BELLO,2019, p.26)

A partir disso, nos debruçamos por sobre a Congada, particularmente sobre o *Terno de São Benedito "Pai Joaquim"*, objeto de estudo, no qual se baseia este trabalho. Nos deteremos na questão da identificação da Mística Marial que perpassa e desborda dessa manifestação, procurando distinguir suas particularidades e especificidades, e sua relação com os cenários e ideais encontrados na história religiosa, social e política brasileira.

Veremos que os afrodescendentes se identificam com a figura histórica de Maria de Nazaré e encontram pontos de convergência no aspecto social e religioso, como a opressão e a imposição experimentada em ambos os casos. Por outro lado, a figura da fé que vislumbramos em Maria, a Nossa Senhora, passa a ser uma referência materna, protetora, consoladora e fortificante para os desafios e a dolorosa "via crucis" pela qual caminharam e continuam a caminhar o povo negro, desde seu desterro na África e sua forçada permanência no Brasil.

A Virgem congrega harmoniosamente em si várias tipologias marianas capazes de responder aos inúmeros questionamentos e anseios dos mais diferentes grupos sociais. Embora para muitos seja difícil esta aceitação, pois meche com as estruturas pré-definidas, Maria, além de ser imagem orante, crente, fiel, é também a mulher profética e libertadora, junto aos excluídos e marginalizados. Aí está a chave para a identificação do povo negro da Congada com a Mãe de Jesus. A fé dessa gente ultrapassa o mero sentimentalismo e se faz palpável na busca pela concretização dos anseios de dias melhores para todos, a partir da lembrança das injustiças enfrentadas no passado e na atualidade.

De fato, importa muito que a mariologia atinja o nível socioestrutural. A consciência cristã chegou ao convencimento de que a fé tem hoje um irrenunciável valor sociopolítico. Nisso insistiu o Magistério pontifício de 100 anos para cá, por meio de sua Doutrina Social, e mais ainda o Magistério do Sul do Mundo, o qual tem sublinhado fortemente, desde o Concílio, a responsabilidade social e política dos cristãos em ordem à transformação das estruturas sociais na ótica da opção preferencial pelos pobres. Chegou-se na Igreja à convicção de que o compromisso social é de todo cristão, ainda que cada um deva assumi-lo segundo sua vocação específica. (BOFF,2006, p.31)

Ao longo desta análise, veremos a irredutibilidade da devoção à Virgem Maria, sob a invocação de Senhora do Rosário, como essencial para a composição e manutenção da Congada e da comunidade. Verificar-se-á que a Congada, manifestação da cultura e religiosidade popular, nasce na vivência concreta e são vivas expressões de interação com o transcendente.

A Congada

Do Congo para o Brasil

A pluralidade cultural brasileira é uma das características mais interessantes do povo brasileiro. Não há como negar que na sua composição prevalece a multiplicidade de expressões.

Dentre as inúmeras manifestações brasileiras, encontramos a Congada ou Congado. Um bailado dramático, cuja finalidade é representar a coroação do Rei e da Rainha do Congo. O grupo e a organização hierárquica que constituem esta manifestação rememoram os antepassados e exaltam as heranças daqueles que fizeram parte de sua história, além de externalizar a fé que os motiva e os impulsiona em sua vivência repleta de lutas, embates, derrotas e vitórias.

Porta consigo uma riqueza de elementos que a faz integrante de uma cosmovisão e de uma religiosidade singulares, fazendo a fusão entre as crenças africanas e as influências das elites europeias, num ambiente sociopolítico determinado pelo colonialismo impositivo e explorador. A transculturação em constante dinamismo ao longo da história promove a emergência de uma Mística Marial muito própria, de singular beleza e de inigualável profundidade.

Como já dito, esta prática tem como inspiração a Corte Real do Congo, na África. Sua forte presença no Brasil está ligada ao tráfico negreiro de africanos contrabandeados no período escravocrata, provenientes, em sua maioria, de Angola, do Congo e de Moçambique, que tinham como destino a opressão nos engenhos e nas minas de exploração, e tiveram seu apogeu entre os séculos XV e XIX.

Quem vinha nos porões dos navios, sendo expostos a tratamentos desumanos, abandonaria sua terra e se tornaria um apátrida. Porém, mesmo com as severas imposições a que eram submetidos, inclusive no âmbito religioso, os negros se esforçavam para manterem vivos seus costumes, crenças e aquilo que os identificava como filhos da Mãe África.

O catolicismo de origem europeia, mais especificamente de Portugal, com o qual muitos já tinham contato antes de cruzarem o Atlântico, por conta da “catequização” imposta pelos dominicanos, era uma maneira de massificação e manipulação utilizada pelo sistema escravista nas Terras de Santa Cruz. Prova da influência da Ordem dos Pregadores é a devoção à Virgem do Rosário, amplamente difundida entre os afrodescendentes, juntamente com o culto aos santos pretos, Benedito e Efigênia, e que chegou ao Brasil e aqui foi também propagada pelos próprios negros, em sincretismo com a herança africana dos orixás.

Um meio fortíssimo de organização social já utilizado no início da Capitania de Minas Gerais, foi a implantação das Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras. Os negros, sejam eles escravos ou forros, compunham as Irmandades dedicadas à Nossa Senhora do Rosário ou aos santos pretos. Nelas, somavam-se, além das manifestações de piedade católicas, rituais africanos, dentre eles, a coroação dos Reis de Congo. Foram introduzidos músicas, instrumentos e danças. Isso denotava uma resistência e uma forma de viverem a seu modo muito próprio e particular a religião imposta. Podemos afirmar que a figura do Rei e da Rainha são o centro da Congada enquanto estrutura, pois a partir deles se organiza toda a hierarquia do grupo.

O culto aos antepassados e as divindades africanas, somado à religiosidade católica, especialmente um “catolicismo tradicional santorial” (TEIXEIRA, 2005), segundo Glaura Lucas (2014), resultam em um sincretismo que permitiu manter vivas muitas das particularidades próprias do modo africano de cultuar. Tais festas estavam relacionadas às práticas dos próprios congueses e dos reis Bantos, que formavam seus cortejos com cantos e danças guerreiras. A Igreja permite que tudo isso ocorra e seja inculturado, como um modo de manipulação e de manter os negros submissos.

Pode-se afirmar que, embora tenham sido submetidos ao modo europeizado e catolicizado da vivência do Sagrado, os afrodescendentes também ressignificaram o catolicismo, dando a ele o seu próprio estilo de ser celebrado. Não foi um processo experimentado inteiramente na passividade por parte dos negros. Pelo contrário, houve uma dissimulação, onde se permitiram submeter ao modo imposto, mas desde que vivido com características muito peculiares, africanamente. O culto aos antepassados e a própria coroação da corte do Congo possibilitou ao

negro encontrar-se e identificar-se com aquilo que é seu, com parte de sua identidade mais verdadeira, com sua essência cultural e espiritual.

Com o passar do tempo, mesmo com as mudanças sociais, os reis e a sua coroação passaram a ter um outro significado. Ainda com o caráter de salvaguardar a herança recebida dos antepassados e de ser um elo com o Sagrado, mas agora impregnadas do catolicismo, terão como função a difusão da devoção à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

Nesse culto, ressalta-se aquilo que o escritor Jeremias Brasileiro (2001) apresenta em sua obra *Congadas de Minas Gerais*. A Hierarquia Superior refere-se à veneração dos mortos, como uma maneira de mantê-los interligados aos que já partiram. Isso está representado no máximo respeito aos Reis e Rainhas, sendo exaltados igualmente na alegria, nas lamentações e nos ritmos musicais e das danças.

Cada grupo pode ser também nomeado de guarda ou terno de Congada. Tais coletivos representam as diversas nações e tribos africanas e suas particularidades, ainda que suas danças, músicas e percussões sejam semelhantes. Isso está intimamente ligado às origens africanas de cada grupo. Por conseguinte, a língua que está presente na letra dos cânticos pode ser também incompreensível, visto suas raízes e seus dialetos muito particulares, somado ao português e à língua do culto oficial no Brasil colônia: o Latim.

Cada música e dança tem um significado específico. Há aquelas que rememoram nascimentos, estações do ano, as colheitas, o plantio, os lamentos, os próprios reis, entre outras finalidades. As coreografias, no embate entre os bastões que cada integrante carrega na mão, recordam as lutas e guerras deflagradas entre os reinos do Congo, de Angola e Moçambique. Com as influências cristãs, tais combates aludem às Cruzadas dos cristãos contra os mulçumanos, em busca da defesa da “fé verdadeira”. Nesta ressignificação, a figura da Virgem do Rosário é protagonista, já que se atribui à sua intervenção o motivo da vitória por sobre os turcos otomanos na Batalha de Lepanto, após a exortação do então Papa Pio V para que se recorresse a oração do Rosário, em vista do triunfo do mundo católico.

Quilombo dos Martins: berço da Congada de São Benedito Pai Joaquim

O grupo de *Congada Pai Joaquim*, está situado entre os municípios de Paraisópolis e Gonçalves, no Sul de Minas Gerais; mais exatamente, no Bairro dos Martins. A história do grupo está associada à própria constituição da comunidade dedicada à Nossa Senhora do Rosário.

No documentário “*Quilombo: do Campo Grande aos Martins*” (2008), o pesquisador Tarcísio José Martins afirma que a região descrita anteriormente pertenceu a um território onde existiu o Quilombo de Campo Grande: um complexo de quilombos que possuía em torno de 9 mil a 15 mil habitantes, situado em grande parte do que hoje corresponde ao Sul de Minas, na divisa com São Paulo.

O trabalho nas minas possibilitava ao escravo negro a compra de sua alforria com maior facilidade, por conta do contrabando de ouro. A Capitania de Minas, tendo alcançado sua autonomia em 1721, contava com uma população em que 90% das pessoas eram negras. Esses mesmos negros alforriados conseguiram conquistar espaço na sociedade da época. Diante disso, a Coroa Portuguesa, aliada aos senhores brancos, com o intuito de barrar a miscigenação e para “purificar” a população, passou a pressioná-los, por meio da implantação de leis, como por exemplo, o pagamento de impostos por si e por seus escravizados, já que muitos também chegavam a ser senhores. Sendo assim, os negros e os brancos pobres se retiraram das vilas e passaram a erigir vilarejos, os quilombos, dentre outras localidades, no Sul de Minas. Surge, dessa forma, a região dos Martins, onde hoje está o bairro com o mesmo nome e que é o berço da *Congada de São Benedito Pai Joaquim*.

Situado na Serra da Mantiqueira, o Bairro dos Martins traz em sua história um diferencial no que se trata de dinamismo na vida comunitária. Conhecida em toda a região por suas grandes festas e pelas inúmeras belezas

naturais, atraindo no decorrer do ano um expressivo número de visitantes e turistas que se encantam por seu clima, por seu meio ambiente e, principalmente, por sua gente.

Ainda hoje residem na comunidade descendentes dos negros vindos da África e que, como já contado anteriormente, se estabeleceram em quilombos na região. Histórias transmitidas oralmente ao longo dos anos atestam o fato, ainda que sem documentação ou registro oficial. A própria invocação da padroeira do Bairro como Nossa Senhora do Rosário é um forte indício da presença dos negros no local.

Próprio do ambiente rural, por muitas décadas o bairro se sustentou por meio da prática agrícola e hoje, com maior intensidade, pela pecuária. Totalmente católica, é uma das comunidades pastoralmente mais ativas da Paróquia São José do Paraíso (Paraisópolis-MG). Tem uma vasta programação ao longo do ano, com celebrações tradicionais, procissões e romarias, que resistem, ainda que com muitos desafios, às intempéries do tempo e das mudanças, entre elas, a *Congada de São Benedito Pai Joaquim*.

A vida de fé e a prática do culto católico neste bairro, por muito tempo foram nutridas por meio da piedade popular e da reza do terço, assim como grande maioria dos povoados e comunidades do interior do país, sem a presença institucional e clerical, mas com o protagonismo dos leigos: os puxadores, cantadores e rezadores de terço. Assim se manteve a vivência religiosa dessa gente. A presença de um presbítero era rara, uma vez ao ano, no máximo. Foi por meio desta que é uma prática mariana e acessível, nesse contexto devocional, que a Congada se firmou e se manteve, como um tesouro imaterial, sendo ponto de convergência da história de inúmeras gerações e resistindo até os nossos dias. O Rosário foi e é a liturgia católica dos mais simples e da grande massa, a ela se somam os negros da Congada com a sua forma própria de cultuar. É o símbolo mais forte que remete à Maria e que por meio dela, conseqüentemente, se alcança o Sagrado.

Conforme os atuais responsáveis, Sr. Ivo Sebastião da Silva e sua esposa Benedita Caetana Lopes da Silva, a existência da Congada se confunde a história do próprio bairro e tem, realmente, sua gênese na formação do quilombo. Transmitida ao longo das gerações como um patrimônio, passou a ser resguardada pela família Silvério até meados do século XX. Tendo sido esquecida por alguns anos, após a morte de seus responsáveis, foi retomada em 1989, por meio do Sr. Joaquim Sebastião da Silva (Joaquim Rita), descendente direto dos antigos congadeiros. Com o auxílio de sua esposa, Dona Maria Tereza de Jesus, mais conhecida como dona Maria João, reuniram novamente a família e estruturaram o grupo, dando início às primeiras apresentações com a nova composição. Apesar de inúmeros desafios, o grupo manteve-se, graças a garra, a dedicação e a fé do Sr. Joaquim Rita, o Capitão da Congada.

O atual dirigente do grupo é o filho caçula do Sr. Joaquim Rita: Sr. Ivo Sebastião da Silva, auxiliado por sua esposa, Benedita Caetana Lopes da Silva (Tana). Tendo sido criado no cultivo da piedade popular, nas rezas do terço e no terno da Congada, Ivo conta que não esperava ter sido escolhido por seu pai para dar continuidade, isto é, para comandar o apito (artefato usado pelo Capitão, o “puxador” e que é utilizado pelo mesmo para conduzir toda a liturgia da apresentação). Porém, ao se ver enfermo, Sr. Joaquim entregou a coordenação ao filho mais novo. Efetivamente, Ivo e Tana estão à frente do grupo desde 2001, quando Sr. Joaquim fez sua última apresentação, vindo a falecer em agosto do mesmo ano, aos 89 anos.

Os líderes no presente momento contam que, à época do Sr. Joaquim Rita, essa manifestação cultural e religiosa era bem mais simples e modesta em sua composição, sem contar com vestimenta ou uniforme próprios, muito menos patrocínio para as apresentações. Ela se estruturava da seguinte maneira: carregadoras de bandeira, puxador, cantadores, instrumentistas, percussionistas e dançantes, tendo sempre as mulheres usado como vestimenta a camisa branca e saia e os homens a calça preta e camisa branca. A percussão e demais instrumentos eram: apito, violões, pandeiros, caixas e tambores, tendo sido acrescentados recentemente o acordeom, violas e chocalhos.

O Rei e a Rainha nem sempre fizeram parte da composição da *Congada de São Benedito Pai Joaquim*. Apesar de sempre ter sido um sonho para Sr. Joaquim, por conta das condições estruturais e até mesmo do número dos

integrantes, não era possível. O antigo Capitão desejava que a filha Nair fosse a Rainha, o que se concretizou há cerca de dez anos, juntamente com o Rei, irmão da Sr. Tana, Francisco Aparecido Lopes (*in memoriam*). Atualmente, permanece a Sra. Nair e, assumindo o lugar do Sr. Francisco, está o Sr. Fernando Rodolfo da Silva, sendo cargos vitalícios, até a coroação de um novo por vontade dos atuais ou por eventual falecimento.

Na Congada, cada instrumento, objeto, cor, símbolo, gesto, integrante, traz consigo um porquê e um significado que remete ao Sagrado e a interação dessa gente com as figuras que cultuam, sejam os antepassados, sejam os santos, e de maneira muito especial, a Virgem Maria. Trataremos dessa significação com maior profundidade e clareza ao longo do texto.

Presentemente o grupo encontra-se mais coeso, contando com a participação de cerca de 50 integrantes, desde aqueles que participam efetivamente da dança e da musicalidade, até os auxiliares que os acompanham, como suporte para manuseio dos aparatos e na organização. São, em sua maioria, afrodescendentes que trazem nas veias e na sua constituição histórica laços que os identificam com os primeiros que habitaram essa região, ainda na formação do quilombo, no qual se originou a Congada.

Embora se considere que a *Congada de São Benedito Pai Joaquim* em sua origem pertence, dentro dos limites geográficos, ao Município de Paraisópolis, ela foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Município de Gonçalves, visto o valor de sua presença marcante na vida cultural e religiosa da cidade ao longo de seus centenários anos de história. Isso possibilita o apoio para o movimento, que hoje é amparado financeiramente com o repasse de uma verba específica para o grupo, bem como o apoio com demais recursos necessários para que se continue a manter viva tão bela tradição e levar essa riqueza às mais variadas localidades em que são requisitados.

A Figura de Maria e a Mística Marial Identificada na Congada

Como é possível uma mística Marial?

O ser humano, enquanto pessoa, só pode ser compreendido a partir de sua integralidade: corpo, alma e espírito. A dinâmica entre hilético (aquilo que está ligado à dimensão corpórea, à sensibilidade) e noético (aquilo que atribui significação, a partir da apreensão do sentido), corresponde à composição estrutural da Mística Marial que identificamos na Congada (BELLO, 2019). É por meio da linguagem simbólica e representativa que apreendemos o significado que a figura de Maria transmite à essa manifestação e por meio dela. A partir das experiências humanas se tem o acesso ao transcendente, por meio da fé, da confiança. Isso está baseado na relação, no acolhimento, na alteridade que reconhece o outro, nesse caso o divino. Nesse sentido, afirma a filósofa Edith Stein: “Tal certeza pode apoiar-se sobre ‘sentir’ a presença de Deus: alguém se sente tocado por ele no próprio íntimo. Eis o que chamamos de experiência de Deus em sentido próprio e que é o centro de toda experiência mística: o encontro com Deus, comunicação de pessoa a pessoa.” (STEIN, 1983, p. 164 apud BELLO, 2019, p.164)¹

Ao longo dos séculos de existência desta manifestação, seja de modo geral ou particular no caso da *Congada de São Benedito Pai Joaquim*, destaca-se a figura feminina de Maria de Nazaré, invocada de maneira muito especial sob o título de Nossa Senhora do Rosário. É uma invocação que, como já visto, está intimamente ligada à constituição histórica e às fortes influências sofridas pelos negros desde a colonização europeia em terras africanas e que permaneceu e até mesmo se intensificou em terras brasileiras.

¹ STEIN, E. Vie della conoscenza di Dio. Trad. it. e introd. C. Bettinelli, apresentação de S. Vanni Rovighi. Padova: Messaggero, 1983.

Não podemos desconsiderar que o culto imposto aos povos bantos foi um processo opressor e desumano que atenta à dignidade da pessoa e desconsidera todo princípio de liberdade religiosa ou de culto. Por meio de uma visão etnocêntrica, considerava-se os povos africanos inferiores, o que ao modo do sistema escravista explorador justificava a maneira como eram tratados tanto no aspecto humano, pessoal, como cultural e religiosamente. Glaucia Lucas, em sua obra *Os sons do Rosário* com base em seus estudiosos, afirma:

Os autores abordaram as diversas formas de violência a que os negros estavam sujeitos - a partir da própria visão etnocêntrica dos europeus que os consideravam “sub-homens” sendo, portanto, as suas expressões religiosas e culturais “manifestações primitivas”, “formas elementares de relacionamento com o mundo”, “manifestação externa de um psiquismo patológico” – para enfatizar os aspectos culturais dos negros que se preservaram e resistiram às imposições. (LUCAS, 2014, p. 50)

Há ainda registros de um sermão do padre Antônio Vieira que, diante da realidade, é conivente com o processo colonizador e usa de sua brilhante oratória para justificar as insanidades praticadas para com os negros. É nítida a ideologização e a manipulação, a instrumentalização da fé, em especial do título de Nossa Senhora do Rosário, para justificar os horrores praticados contra milhares de vidas, em vista de interesses elitizados.

Assim, a Mãe de Deus anteendo esta vossa piedade, esta vossa devoção, vos escolheu de entre tantos outros de tantas e tão diferentes nações, e vos trouxe ao grêmio da Igreja, para que lá (na África) como vossos pais, vos não perdêsseis, e cá (no Brasil) como filhos seus, vos salvásseis. Este é o maior e mais universal milagre de quantos faz cada dia, e tem feito por seus devotos a Senhora do Rosário. Oh, se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil conhecera bem quanto deve a Deus, e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre. Quando servis aos vossos senhores, não os sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus; porque então não servis como cativos senão como livres, nem obedecis como escravos, senão como filhos. (BRASILEIRO, 2001, p.25)

Porém, em meio a todas essas reconhecidas e indignáveis iniciativas, desponta o singular semblante da mais venerada mulher de todos os tempos: a Vigem Maria. É inegável que, ainda que valendo-se de sua imagem para reprimir toda uma crença pré-existente, no caso a africana, essa mulher conquistou de maneira inigualável o respeito e o cortejo desta grande porcentagem dos “degredados filhos de Eva”, retirados do seio de sua terra.

Ao nos determos em analisar a figura de Maria e como ela é interpretada na Congada, especialmente a partir do cultivo de uma devoção popular, fixemo-nos em três possibilidades identificadas: a maternidade de Maria, o seu cântico de resistência e a Virgem como “causa de nossa alegria”. Por meio desta tríade identificamos o cerne da Mística Marial que esta mulher, a Mãe de Jesus, transmite àqueles que com ela tem contato por meio desta expressão artística, religiosa e cultural, o que ela evoca enquanto Rainha do Rosário dos Pretos e o referencial que estes mesmos negros têm nela.

“Mater Dei” e Mãe dos Pretos

Sabemos do valor atribuído ao longo da história ao papel da maternidade que a mulher desenvolve a partir da sua possibilidade à geração da vida e de ser, como resultado instintivo desta possibilidade, a primeira grande cuidadora e defensora da vida que gera. Como Mãe de Deus em Jesus Cristo e como consequência desta nobre missão que desempenha, Maria também é Mãe de todos os filhos de Deus e de todos os povos e nações aos quais alcança a revelação do mistério do Filho de Deus encarnado.

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então vendo a mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: “Mulher, eis teu filho!”. Depois disse ao discípulo: “Eis tua mãe!”. E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa. (Jo 19,25-27)

Aos pés da cruz, a Virgem-Mãe recebe como herança de seu filho eterno a maternidade de todos aqueles que, como o discípulo amado, o seguissem sem reservas e acolhessem diligentemente a proposta do Reino, na vivência radical do amor.

Sendo assim, a divindade feminina e materna de Maria se faz, de certa forma, mais acessível a todos, reconhecendo nela a doçura e os encantos de uma Mãe divina que pode ouvir, socorrer e atender com maior solicitude às necessidades de seus filhos. De tal maneira, a presença de Maria junto aos negros concede-lhes uma força sobrenatural que colaborou e os impulsionou a superarem todos os tipos de injustiças enfrentadas ao longo de sua história.

Valendo-se da narrativa mítica para justificar a importância de Nossa Senhora e sua relevância desde as origens da Congada, em especial, em terras brasileiras, conta-se que os negros ao entoar seus cânticos de revolta e de saudade, na travessia do mortal Atlântico, invocavam insistentemente a Virgem do Rosário, a quem conheciam por conta da “catequização” a que foram submetidos. Já nas praias do Brasil, os escravos presenciavam a aparição da santa nas águas do mar. Os homens brancos tentam sem sucesso retirá-la das águas, o que finalmente acontece com os negros que, com seus cânticos de lamento e seus tambores, emocionam a divina senhora, retirando-a do mar e tornando-se sua escolta oficial. (BRASILEIRO, 2001, p.24)

Esta lenda fundamenta as estruturas da Congada e dão legitimidade aos lamentos que se entoam e a rememoração do sofrimento vivido pelos negros, visto que a Virgem, maternalmente, veio em socorro dessas suas penúrias, para consolá-los e confirmá-los que, mesmo diante de tantas perdas: da terra, de suas origens, de suas crenças e costumes primeiros, não estavam só. O cuidado materno de Maria se mostrava presente e atuante como ela mesmo assim o fez ao pé da cruz, dando-lhes fortaleza espiritual para continuarem a lutar e a superar a realidade que se apresentava e que continua a se apresentar ainda hoje aos afrodescendentes, mesmo que com construções diferentes ou de forma velada.

Não podemos desconsiderar que a maior devoção mariana do Brasil na atualidade é negra. A Senhora da Conceição foi “Aparecida” nas redes de João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, em 1717, e se tornou a Rainha e Padroeira da nação. Enegrecida no lodo do Rio Paraíba, como um sinal divino, em sua imagem manifesta o apelo pela igualdade e pela unidade. Não bastasse sua cor, um de seus primeiros milagres foi a libertação do escravo Zacarias, ao se quebrarem milagrosamente suas correntes durante uma prece à Santa. Essa invocação também é cara ao coração dos congadeiros que, anualmente, se reúnem em Aparecida para uma das maiores festa de São Benedito do Brasil, reunindo centenas de grupos de todo o país, tendo como um dos pontos altos das festividades a passagem de todos os grupos pela Basílica Nacional, para homenagear a Negra Mariama².

Para os negros há uma única certeza: eles têm uma Mãe. A sua mãe é a Mãe de Deus. A Virgem definitivamente e independentemente de qualquer circunstância é a Mãe desta gente, dessa raça, dos povos dessa cor. Como apresenta Clodovis Boff, “Maria de pé junto do Crucificado é a imagem-guia de todos os que permanecem firmes junto das infinitas cruces que se levantam ao longo dos tempos. Essa resistência interior é semente de ressurreição, tanto dentro como depois da história”. (BOFF, 2006, p. 445)

² Invocação criada por Dom Hélder Câmara e utilizada na Missa dos Quilombos, em 1981, na cidade de Recife (PE);

Do Magnificat: o cântico de resistência e autoafirmação

A música na Congada tem um papel motriz, que dita toda a dinâmica do desempenho artístico. É por meio dela, mas não somente, que o congadeiro expressa seus sentimentos, sua reza, sua inconformidade, sua tristeza, sua alegria. Nessa manifestação, os filhos de Maria, seguem seu exemplo e entoam um novo Magnificat, como ela um dia cantou em casa de Isabel, reconhecendo os favores de Deus que estavam se cumprindo e que ainda se cumpriram na vida de seu povo.

Segundo Clodovis Boff (2006), o contexto em que vivia a Virgem de Nazaré era o de uma sociedade assolada pela pobreza, pela dominação, pela opressão, pela agitação e em espera. Por meio desses parâmetros, podemos afirmar que o povo africano, particularmente os vitimados pelo tráfico negreiro, configuram o novo povo de Israel, o mesmo povo sofredor do contexto em que vivia Maria em Nazaré.

Atenhamo-nos às várias semelhanças. Lá, a pobreza socioeconômica era favorecida pelas grandes famílias, as dos “anciãos”, pelo sistema religioso e pelo sistema de governo, o Romano. Aqui, pelos senhores de engenho e das minas, pelos “catequizadores” e pela Coroa Portuguesa. Lá, a dominação se dava por conta do poder estrangeiro, o romano, sustentado por seus ricos e poderosos financiadores. Aqui, pelos também estrangeiros colonizadores, que se julgavam superiores cultural, religiosa, intelectual e economicamente. Lá, a opressão ideológico-religiosa dos fariseus. Aqui, a soberania incontestável e impositiva da Igreja com sua teologia rigorista e a defesa da “fé verdadeira”. Lá, as agitações revolucionárias, encabeçadas por grupos específicos, como os zelotas, com o anseio de mudança. Aqui, ainda que tardio, o movimento abolicionista no período do Iluminismo, com a defesa do direito à liberdade. Por fim, lá, a espera pela vinda do Libertador. Aqui, a libertação definitiva, que ainda continua a ser buscada e sonhada em sua plenitude.

Aquilo que experimentaram e até hoje experimentam os negros, Maria vivenciou em sua carne, junto a sua gente, e, sob a ótica transcendental, continua a sofrer com os marginalizados também hoje, por meio da união espiritual que os fazem estar intimamente em comunhão, na experiência do Sagrado. Especialmente na Congada e no culto que lhe prestam os afrodescendentes, ela canta com eles um novo Magnificat. “Somente os humildes e pobres se encantam com a Virgem do Magnificat, a Profetisa dos marginalizados, que o Senhor exalta, como fez com Ela mesma. Em Maria, o povo se sente interpretado e assumido” (BOFF, 2006, p. 328).

Corajosamente, a mulher que visita Isabel faz de seu canto uma denúncia. Ergue sua voz anunciando as maravilhas do Onipotente e denunciando todo um sistema de morte. Igualmente, ao longo dos séculos e das gerações em terras brasileiras, os negros, especialmente por meio da Congada, fazem o mesmo. As vozes que nela se ouvem em nossos dias, rememora os antepassados e seus sacrifícios. Segundo a fenomenóloga, Angela Ales Bello, “a qualidade do sacrifício se justifica segundo aquilo que é sacrificado” (BELLO, 2019, p.63). Neste caso, a vida. Muitas vidas foram sacrificadas em prol da manutenção e da perpetuação do interesse de poucos, quando na verdade a busca deveria ser em preservá-las em favor de todos, da dignidade a todos os povos, raças e credos, inclusive da cultura afro-brasileira.

O Magnificat e sua atualização na espiritualidade da Congada têm alimentado a esperança de uma verdadeira revolução, que acontece quando os negros se tornam protagonistas desta manifestação, seja ela na rua, na festa, na igreja. A partir disso, tem início definitivas mudanças com impactos significativos nas instâncias superiores, cumprindo-se o “núcleo duro” do Magnificat (BOFF, 2006), o da rememoração e, ao mesmo tempo, da denúncia e da profecia: “Derrubou os poderosos de seus tronos e elevou os humildes”.

A “Causa de nossa alegria”³

Outro aspecto basilar que envolve todo o dinamismo desse nosso objeto de estudo é a expressão da alegria que também se faz presente na manifestação. Embora se rememore toda a árdua e sofrida luta enfrentada, além de ser um grito de denúncia às injustiças e intempéries, os negros fazem de seu canto, de sua expressividade corporal, de seu culto, uma evocação da alegria, para que ela envolva e impulse toda essa religiosidade.

A alegria, o júbilo que irrompe das vozes e das percussões se baseiam no reconhecimento dos favores divinos que são dispensados pelo intermédio de Maria. O maior bem concedido é justamente o cumprimento da missão que lhe foi designada: ser mãe do Verbo que se fez carne em seu seio e de onde provém a salvação. A Virgem personifica a humildade e a simplicidade com a qual essa gente se identifica. Eles veem nela a ação de Deus que cumpre suas promessas. Diante disso, Maria se torna a prova da possibilidade da ação Divina da libertação se concretizar também neles como outrora se realizou nela.

Maria torna-se a “causa da nossa alegria”, justamente por ser não somente aquela que estabeleceu uma ponte entre a humanidade e o transcendente, mas também porque conduz e encoraja à busca pelos anseios de dignidade terrena e, conseqüentemente, a plenificação da vida dos justos no Reino eterno.

Na experiência com o Sagrado, narrada no capítulo primeiro de Lucas, conhecida como “Anunciação”, a então jovem de Nazaré se recorda dos profetas do tempo do exílio que exortavam à alegria pela vinda do Messias. Ela é a “filha de Sião” chamada a rejubilar-se. Porém, naquele momento, o impacto do anúncio não a permite uma pronta exultação. Ela se dará, finalmente, na Visitação, em que se manifesta, pela força do Espírito, a alegria que contagia a criança no ventre de Isabel e que é transmitida à mãe anciã, levando-a a saudar Maria, que no ápice de exultação entoou o “Magnificat”.

Na Congada, o mesmo Espírito, a *Ruah*, aquele hálito divino que dá vida, parece envolver a todos, pois são em sua reverência vinculados àquela que melhor se deixou tomar e manifestar por esse Espírito. Essa vida é externalizada em tudo aquilo que mais adiante veremos e que expressa a alegria, o júbilo, a satisfação e que leva a uma experiência mística, tanto do congadeiro como daquele que prestigia essa ação de relação com o divino.

Não é uma alegria ingênua, mas consciente do mundo em que se está imerso. Numa comparação entre Maria e a Congada, podemos dizer que ambas experienciam uma alegria madura. Mesmo diante das duras batalhas que se travam ante os olhos, não se cala o louvor e a exultação. Pelo contrário, se levanta como uma proclamação esperançosa pela vitória por sobre a opressão, a morte, a divisão e pela implantação da justiça, da vida plena e da fraternidade.

O Magnificat nos mostra que toda a luta de libertação deve ser atravessada pelo espírito de louvor e alegria, ainda quando a fé e a esperança são postas à prova. Assim era também com São Francisco. E assim se vê também no Apocalipse: entre as dores do martírio, irrompem sempre os gritos de aleluia por causa da presença e das promessas do Todo-Poderoso. (BOFF, 2006, p. 336)

Nesse culto prestado à Virgem do Rosário, a vida extravasa em cada gesto ou símbolo. Essa vida, mesmo permeada por desafios, está intrinsecamente envolta pelo movimento, pela leveza, pela arte que transmite a alegria. Não se pode manter extático, mas dinâmico ao ser interceptado pela melodia, pelo repique do apito, pela dança das cores, pela reverência de cada gesto. O gosto do congadeiro é poder sair à rua cantar, dançar, tocar e em louvor a Nossa Senhora e São Benedito. Mesmo arcado sob o peso do sistema, não cessa de nutrir a alegria. É o que percebemos na letra da música a seguir:

³ Invocação própria da Ladainha de Nossa Senhora.

Sinto saudade da Igreja do Rosário.

São Benedito, o Santo da devoção.

Meus companheiros dançava tudo descalço,

parecia um bailado do tempo da escravidão.⁴

Contudo, é preciso lembrar que toda essa alegria foi por muito tempo reprimida de adentrar às igrejas. Prova disso foi a proibição no período da escravatura de os negros frequentarem as igrejas dos brancos. Sendo assim, erigiram as Igrejas de Nossa Senhora do Rosário “dos Pretos”, visto que no Brasil colônia a devoção era a que mais estava ligada aos afrodescendentes, ainda que com a ausência dos padres, que se recusavam a celebrar a Eucaristia.

A Vivência e a Experiência da Mística Marial na Congada

Manifestação

No culto popular a Maria e nas várias expressões populares, dentre elas na Congada, o povo exprime seus sentimentos religiosos de uma maneira intensa e vigorosa através de gestos com grande valor simbólico, como nos indica o teólogo Clodovis Boff em seu tratado sobre a Mariologia Social:

De fato, em sua devoção, o povo usa numerosos sinais e gestos, como tocar as imagens, beijá-las, oferecer flores e ex-votos, acender velas, fazer peregrinações e procissões, andar de joelhos, usar medalhas, fitas e escapulários, levar vestes especiais etc. Isso vale para os santos preferidos, mas, sobretudo, para a Virgem Maria, que, sob uma designação ou outra, é a figura mais querida do culto popular. (BOFF, 2006, p.556)

Ao mesmo tempo, a memória que se apresenta no fenômeno não é mera recordação ou retorno ao passado. O que se vive é o dinamismo entre passado, presente e futuro. Toda a Mística Marial que brota da Congada se expressa por meio dos símbolos, das cores, das letras, da própria organização da equipe, dentre outros modos. A imagética é algo muito valorizado nesse movimento artístico, cultural e religioso, bem como a musicalidade e as composições melódicas, além da corporeidade. Em toda essa exterioridade destaca-se fortemente o referencial que se tem na Virgem Maria, nos santos negros e a ligação com o Sagrado como um todo, além da forte ligação com os antepassados. Santo Tomás, em sua Suma Teológica, assim se refere aos atos externos da religião, no que diz respeito aos gestos, coisas e ações:

[..]sendo em todos os atos de latria, o exterior referente ao interior, como ao mais principal, por isso, fazemos a adoração exterior visando o interior. De modo que, pelas mostras de humildade, que corporalmente damos, despertemos o afeto que nos leva a nos sujeitarmos a Deus. Pois, é—nos conatural partir do sensível para chegar ao inteligível. (TOMÁS DE AQUINO, p. 2271)

É de suma importância ressaltar que a religiosidade não se restringe ao momento da dança ou da apresentação. Pelo contrário, é perceptível que os saberes e os valores da fé dialogam com outras circunstâncias da vida. No dia a dia, na busca pelo trabalho, no enfrentamento de uma enfermidade, na celebração de um casamento,

⁴ Todas as músicas apresentadas neste artigo são próprias do repertório utilizado pela *Congada de São Benedito Pai Joaquim*;

na assistência de algum necessitado, se vê claramente a Mística Marial que se transforma em vivência cotidiana, tendo por referência a figura de Maria. A vida de oração, o apreço pela honestidade mesmo na necessidade, o reconhecimento do auxílio divino nas mais diversas situações, dentre tantos outros exemplos a serem dados, são eco daquilo que se reflete da experiência com a divindade feminina.

A Corte do Congo, a indumentária, as cores e os símbolos sagrados.

Como já dito anteriormente, a Congada é hierarquicamente organizada para representar e atualizar a antiga corte do Congo. O Capitão, junto aos Reis, é o cargo de maior responsabilidade, pois se trata daquele que organiza e dita o dinamismo do grupo. Ele sempre se destaca pela indumentária vermelha, símbolo da fraternidade e do companheirismo, próprio daquele que tem que conduzir de maneira homogênea e paternal o grupo. Na cabeça, porta um atributo vermelho e dourado em formato de cruz, ornado com as medalhas da Senhora do Rosário e dos santos Benedito e Efigênia, simbolizando o elo e a iluminação divina. Seu instrumento é o apito e o Rosário, que simbolizam a autoridade concedida de conduzir a guarda da Mãe de Deus e a própria vida de oração e intimidade com o Sagrado, que este ofício lhe exige. O apito é o que conduz e incrementa toda a manifestação. Cada modo e compasso do instrumento de sopro indica um momento específico. Ele é transmitido de Capitão a Capitão, como foi no caso da *Congada de São Benedito Pai Joaquim*, do Sr. Joaquim Rita para seu filho Ivo e posteriormente para o herdeiro, possivelmente, o filho Genessi. Assim Carlos Rodrigues Brandão define o Capitão:

O agente das cerimônias devocionais populares: o capelão, o rezador, o folião, o folgazão, o pontista, os reis, o congadeiro, o contraguia, é o sujeito que sabe, com mais empenho, um saber de que toda a comunidade camponesa, a corporação de devotos, ou os moradores, participam. As suas biografias de especialistas religiosos são de uma notável equivalência: começaram quando crianças, e nos postos mais baixos, os ofícios do rito; aprenderam de pais ou parentes do próprio grupo; fizeram uma trajetória de postos até ao atual, chegando a ele por uma combinação de motivos de herança, de política ou de qualidade de trabalho pessoal na condução do grupo ou no desempenho do seu ritual. (BRANDÃO, 1981, p.234)

À frente se colocam as pajens: meninas ou mulheres adultas que carregam as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Quando crianças, trajam vestidos nas cores rosa, verde e vermelho. Estas cores representam :a sensibilidade e humildade de Maria, saúde e harmonia, fraternidade e companheirismo, respectivamente.

As bandeiras são a principal representação que remete à Nossa Senhora do Rosário e aos santos Benedito e Efigênia. Além dessas, também existem as que representam o Divino Espírito Santo e os Santos Reis, usadas em momentos específicos do ano, como a Festa de Pentecostes e o período do Natal. Elas são as destinatárias das cenas mais profundas de reverência, seja dos congadeiros, dos fiéis ou do público que prestigia, seja dos festeiros que acolhem o grupo em sua festa ou evento. Com beijos e benzimentos no início e no final, representam a dispensação das graças e dos favores sobrenaturais. Nelas está a representação imagética mais forte da Congada, com suas cores e significados, como veremos a seguir, ornada de flores e fitas. Dentre as divindades representadas na iconografia dos estandartes, a Virgem do Rosário é representada com o Menino no colo, segurando o Rosário. Traja as vestimentas nas cores azul, branco e rosa. São Benedito, com o hábito franciscano, segura uma menina no colo, representando um de seus mais famosos milagres: o da ressuscitação de uma criança. Todas com muitas flores, cores, fitas e beleza.

Em seguida, vem a Rainha e o Rei, que na ausência das pajens portam as bandeiras. Os Reis reportam e rememoram os antigos Reis do Congo, mantendo esse laço espiritual mítico com todas as gerações anteriores até as raízes africanas, em contínua relação com o Sagrado. Com o culto cristão, os reis representam a guarda da fé e da devoção à Virgem e aos demais santos cultuados, mas sem excluir essa referência ao culto praticado na África e aos ancestrais. A Rainha veste um vestido branco e o Rei um casaco dourado com pedras amarelas e vermelhas. Ambos trazem uma coroa dourada com adornos de pérolas e pedras vermelhas. À figura masculina soma-se um cetro também dourado com pedras, pérolas e espelhos, significando a soberania.

Logo após, forma-se no cortejo a equipe dos cantadores e instrumentistas. São divididos entre primeiras e segundas vozes, além de violeiros, sanfoneiros, pandeiristas, tocadores de chocalho, tambores, entre outros.

Por fim, os dançantes se organizam, assim como o restante, sempre em duplas. Trazem nas mãos o bastão, símbolo da arma contra as lutas e os embates, que na inculturação cristã denotam os combatentes em defesa da fé, sobre a proteção da Senhora do Rosário. O bastão, nas raízes africanas, representa a energia vital e como um símbolo de proteção. É um dos objetos mais marcantes da Congada.

Cantadores, instrumentistas e dançantes, geralmente trajam as mesmas roupas. Mulheres com saia de chita ou azul marinho (homenageando as escravas negras lançadas ao mar para aliviar as cargas dos navios negreiros diante de um iminente naufrágio) e homens de calça preta, ambos com camisas brancas (simbolizando a paz e o perdão) ou de cetim amarelo (em vista da presença do Sagrado e ainda referindo-se à prosperidade). As fitas de cetim cruzadas sobre o peito das mulheres são nas cores rosa (significando a sensibilidade e humildade de Nossa Senhora) e roxa (remetendo ao mistério e a espiritualidade mariana). Os homens também portam as fitas nas cores azul claro (simbolizando a alegria pelo resgate da Senhora do Rosário do mar) e verde (a felicidade em buscar a santa no mar). Uma curiosidade é o verde-glaucó (piscina), usado pelos jovens em fase de transição para se tornarem adultos.

As fitas transpassadas em cruz no peito, sobre os ombros, remete à proteção, como um escudo divino. Lembra a luta sob a insigne da Cruz, em Lepanto. No ritual africano é o “corpo fechado” para qualquer espírito ou força do mal.

Ainda sobre as cores dos ternos (BRASILEIRO, 2001, p.77), é válido ressaltar que aquelas utilizadas nos primórdios da Congada no Brasil, aludiam mimeticamente às divindades africanas. O branco fazia referência à Zambi, o deus do relâmpago e o azul à Ogunaquele, desbravador dos caminhos para os congadeiros. Ambos são sobreviventes do culto africano, após o massacre cultural sofrido pelos negros. Essa sobrevivência é percebida nas igrejas do Rosário, pintadas de azul e branco, num culto mimético aos orixás. O verde, vermelho e azul são de Oxóssi, o pai das matas. Para Oxum, deusa dos rios, o amarelo, e os que se vestiam de vermelho e preto eram protegidos por Omolu, defensor contra as doenças.

Entretanto, na crítica de Jeremias Brasileiro, novas simbologias foram dadas às cores pelo “catolicismo com seu dinâmico instrumento destruidor de memórias ancestrais, usando um cajado de verdade quase única” (BRASILEIRO, 2001, p.77). O branco se torna a paz do negro convertido e o vermelho, ligado a mulher geradora de vida, passa à caridade do escravo para com seu sinhô.

Rituais: Musicalidade e corporeidade

O canto, os instrumentos e a dança na Congada são, acima de tudo, o meio de acesso e de comunicação com o divino. É por meio dessa comunhão e dessa fusão de elementos que se chega à essência do modo de culto e da religiosidade desta manifestação, e ao cumprimento dos ritos que lhe são próprios. A música e as expressões corporais são a alma do Cortejo do Congo.

O som que preenche os espaços e se amplia, vibrando nas cordas vocais, nas percussões, nos instrumentos de corda, na jinga, no embate dos bastões, no balanço dos tecidos, no coração do congadeiro e daquele que prestigia,

transcende o âmbito da imanência e alcança a esfera do Sagrado. Congrega a todos num único pulsar, que se torna a base dos movimentos corporais e da melodia, fazendo de tudo isso o fundamento da coesão grupal e do diálogo também com o espectador que, num primeiro momento é de fora, mas que a partir desta dinâmica, ao se deixar envolver, passa a ser participante ativo do ritual, pelo simples fato de simpatizar-se e deixar-se tocar interiormente por ele.

E justamente porque o ser humano possui espaços de liberdade, é possível que ele reconheça ou não a presença da Presença. Melhor dizendo, uma vez que a estratificação do ser humano na sua totalidade tem uma sua unidade, o reconhecimento da Presença "passa" através da aceitação ou da rejeição por parte da *psyché*, a qual oferece ao espírito um material/um conteúdo para ser examinado. O espírito, por sua vez, acolhe ou corrige o impulso psíquico através da avaliação e da decisão. Também a corporeidade é envolvida, pois a aceitação faz com que o corpo assuma atitudes que manifestem a relação com tal Presença, e deste modo se justificam, então, os ritos e os atos litúrgicos. (BELLO, 2019, p.31)

Há inúmeras classificações no que diz respeito as músicas da Congada, de acordo com a finalidade para que são entoadas. Nos ateremos aqui àquelas que mais estão ligadas à figura da Virgem Maria, objeto desta pesquisa.

Cantos de Louvação: como o próprio nome já diz, se trata de orações em que se exalta a Virgem Maria por seus benefícios.

*Nesse Império tem coroa, nesse Império tem bandeira,
Nesse Império tem amor do Divino Espírito Santo e da nossa Padroeira.
Senhora do Rosário, vamos passear! (2x)
Foi São Benedito foi quem mandou chamar! (2x)*

Cantos de Chegada: são as cantorias que servem para anunciar o início das danças e o ingresso nos espaços sagrados, por exemplo.

*Senhora do Rosário,
Nós estamos aqui,
Océ mandou chamar
os congueiros Pai Joaquim(2x)
Por que será? Por que será?
Por que será que Nossa Senhora mandou me chamar? (2x)
Nós seguramos essa Congada,
tradição que alguém deixou.
Nós herdamos de papai
E ele de nosso avô. (2x)*

Cantos de Partida: quando a Congada se prepara para deixar a residência ou o espaço. Traz a manifestação de gratidão e do desejo de retorno em uma nova oportunidade.

*Lapa, ô Lapa,
não deixa eu ir embora(2x)
Nós mora na beira do rio,
na beira do mar, ó Senhora do Rosário.*

Cantos de história: rememoram fatos importantes da história e que marcaram os antepassados ou a vida do grupo.

*Com licença meu Senhor,
que a congada vai dançar!
Sabe que nós é devoto
veio aqui nos visitar.
São Benedito veio de longe.*

*E de tão longe ele veio.
 Visita Menino Deus.
 O filho da Virgem Maria.
 São Benedito é o marinheiro.
 E Nossa Senhora, advogada.
 Foi por causa de São Benedito
 que Nossa Senhora fundou a congada.*

Toda a movimentação na Congada tem sua razão de ser. As danças rememoram as mais diferentes ocasiões e acontecimentos da tribo. Portanto, os movimentos podem ser, dentre outros, de alegria ou de camuflagem para se proteger, bem como de preservação de segredos culturais. Tudo depende da combinação entre ritmos, evoluções e coreografias.

O *Congá*, por exemplo, é a dança de reverência à Rainha e ao Rei do Congo. No envolvimento de todo o grupo, com vários ritmos (*batidão*- cadenciado mais ligeiro; *batidinha*- cadenciado normal, *rojãotoque*- rápido e evoluindo com entusiasmo; e o *cerradão*- os congadeiros dançam em conjunto, formando círculos, filas duplas ou blocos), sempre acompanhados com o repique dos bastões. Já a *Luta Baixa* é desenvolvida com duas filas paralelas, em que os dançantes de joelhos semi-dobrados e com os braços á meia altura, colocam em choque seus bastões, tanto entre si, como em contato com o chão, numa rápida sincronia, avançando e recuando, para trás e pra frente, com os corpos de cócoras (BRASILEIRO, 2001, p 81).

Embora existam as mais diversas finalidades, identifica-se em todos os tipos de cânticos e danças a exaltação à figura de Maria, recomendando a ela a Congada e sua finalidade, bem como a missão divina confiada aos negros pela própria Virgem Maria. Todas essas músicas com suas variedades de vozes, somadas às coreografias e as expressões que surgem dos rostos, das mãos, do olhar de cada integrante, forma uma prece que induz o ouvinte a participar e integrar-se nesse conjunto de vivências. É a vida que se torna oração, é a história que se reconta e se atualiza por meio de uma devoção que atravessa séculos e se faz viva no hoje.

CONCLUSÃO

Quando nos propusemos a analisar a história, a estrutura, os símbolos que fazem parte da composição da Congada, particularmente a *Congada de São Benedito Pai Joaquim*, tomamos ciência da riqueza que resguarda essa manifestação, especialmente no que diz respeito à Mística Marial que é possível encontrar nesse fenômeno.

Interpelados pela revelação da profundidade desta manifestação de fé, poderíamos nos aventurar em lançar outros olhares sobre a Congada, por meio de outras perspectivas. Porém, pudemos ver que a Mística Marial constitui um dos fundamentos estruturantes e um elemento marcante na vida da comunidade.

Vimos que no aspecto historiográfico, grandes são as marcas de tirania aplicadas por sobre os negros. O sufocamento da maneira de cultuar que traziam consigo e a imposição arbitrária dos costumes ao modo católico levaram a uma certa desconfiança em relação à aceitação da figura de Maria. Mas não se pode negar que os rumos da história e até mesmo o novo modo de olharmos para a esta entidade feminina que, como foi explanado anteriormente, traz em si o grito de resistência pelas minorias, permitiu uma devoção clara e consciente, madura e adulta, à uma Maria que é mãe e que como mãe, acolhe os filhos a seu modo e com suas expressões próprias, indicando o Caminho a seguir.

Embora inaceitáveis e irrepetíveis, é possível notar nessa história a surpreendente capacidade e criatividade do negro que, embora atacado naquilo que é mais caro à maioria dos povos e das culturas, a religião, buscou reinventar, à sua maneira e com características muito suas, a nova fé que lhe foi imposta. Vê-se que a essência e as raízes se mantiveram, ainda que sob os véus da resignificação, presentes e vivas em cada celebração. Na maternidade de Maria, o retrato da Mãe África. No novo canto do “Magnificat” de Maria, agora sincrético com os

elementos dessa gente, o grito por liberdade, igualdade e a rememoração dos ancestrais. Nas cores, a lembrança dos Orixás e dos espíritos da natureza. No Rei e na Rainha, o sonho pela soberania de um Reino de fraternidade e justiça, onde prevaleça a alegria, mesmo que se tenha que lutar. No molejo, na dança, na música chorosa, o exterior desvela o que o interior carrega: a intimidade de um verdadeiro amor à uma Senhora, que em nada se assemelha aos que lhes causaram dor.

Finalmente, se pode perceber que a Mística Marial que desborda toda essa manifestação de que se vê e se sente na Congada interpela-nos ainda hoje, em pleno século XXI, a não reprimirmos, como outrora, toda e qualquer forma de vivência que revele o encontro com o Sagrado. A liberdade de expressão e de confissão religiosa, desvinculada do preconceito e da discriminação, garantindo a dignidade plena e o respeito à vida de toda e qualquer pessoa, no exercício do profetismo e da denúncia, num espírito de fraternidade, respeito e diálogo com as mais diversas realidades, é a grande mensagem para o hoje de nossa história. Pois “somente com essa consciência de filhos que não são órfãos, podemos viver a paz entre nós” (FRANCISCO, 2020, n. 272). Como suplica a Carta Encíclica Fratelli Tutti: “Mostrai-nos a vossa beleza refletida em todos os povos da terra, para descobrirmos que todos são importantes, que todos são necessários, que são rostos diferentes da mesma humanidade amada por Deus” (FRANCISCO, 2020, n.287).

Isso se vive, se expressa e nos ensina a Congada. Assim sustenta Maria de Nazaré, a Mulher, a Virgem, a Mãe de Deus, a Nossa Senhora, do Rosário, de Aparecida, de Guadalupe, de todos os nomes, raças, cores e línguas, que traz consigo uma singularidade e uma áurea mistagógica construída nas mais variadas épocas, com todas as gentes e povos, e que tem a suprema missão de indicar o Caminho, a Verdade e a Vida, buscados no Eterno, mas manifestos nas feições e na vida de seus filhos.

Referências

BELLO, A. A. O sentido do Sagrado: da arcaicidade à dessacralização. São Paulo: Paulus, 2018.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. Mariologia Social. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

BRASILEIRO, Jeremias. Congadas de Minas Gerais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

CNBB. Estudos da CNBB 85: Pastoral Afro-brasileira. São Paulo: Paulus, 2002. 48 p.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Fratelli Tutti. São Paulo: Paulus, 2020.

GONÇALVES Prefeitura Municipal. Quadro IIC::Proteção. Processo de Registro de Bem Imaterial na Esfera Municipal: Congada de São Benedito. Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural de Gonçalves. Gonçalves, 30 de novembro de 2020.

LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

QUILOMBO-do Campo Grande aos Martins. Direção: Flávio Frederic. São Paulo: Kinoscópio Cinematográfica, 2008. Online (49min). Disponível em: https://tamandua.tv.br/filme/default.aspx?name=quilombo_do_campo_grande_aos_martins. Acesso em: 12 jun. 2022.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. Suma Teológica. Documento eletrônico disponível em: <file:///C:/Users/S%C3%A3o%20Clemente/Downloads/Suma%20Teol%C3%B3gica.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2022.
